XXX Congresso de Iniciação Científica UNICAMP

“Nossa bandeira não é a sexualidade, é o Brasil”: mapeando atores e discursos do ativismo homossexual conservador

Autores:

João Pedro Midões Suarez Rojas (Unicamp)

Prof.ª Dr.ª Isadora Lins França (orientadora / Unicamp)

Carolina Parreiras Silva (coorientadora / PPGAS – Unicamp)

Palavras-chave: gênero; sexualidade; conservadorismo:

Introdução:

Este projeto teve por objetivo o mapeamento de discursos e atores de um nascente ativismo homossexual conservador construído em torno da candidatura e, posteriormente, gestão do atual presidente da república Jair Messias Bolsonaro eleito no último pleito de 2018. Os atores e discursos aqui identificados possuem caracteristicamente uma forte reação aos avanços legais conquistados pelos movimentos LGBT e feminista nas últimas décadas por meio da disputa dos sentidos atribuídos a categorias como “sexualidade”, “gênero”, “direito”, “igualdade” e “minoria”. Sua retórica e orientação político-ideológica partem da mesma base comum aos demais setores que constituem a coalizão neoconservadora que se organizou em torno da figura de Jair Messias Bolsonaro (LACERDA, 2019): anticomunismo e o combate à ideologia de gênero.

Dessa maneira, assumindo a centralidade que as redes sociais possuíram na construção da campanha eleitoral de Jair Messias Bolsonaro em 2018 e ao longo de sua gestão como forma de manter fiel o apoio de sua base (CESARINO, 2020) buscamos por desenvolver uma etnografia digital a partir de conteúdos dispostos em perfis públicos disponíveis no *Instagram*, com vistas a identificar atores, categorias e dinâmicas de atuação de um emergente ativismo homossexual conservador.

Metodologia:

Tratando-se de uma etnografia digital, para a execução deste projeto utilizou-se de início as formulações de Daniel Miller e Don Slater (2004) e o alargamento destas por Christine Hine (2021) no que concerne à Antropologia Digital. Para tanto, assumimos que as dimensões o*ff-line* e *on-line* não se comportam binariamente enquanto “virtualidade” e “materialidade”, mas antes retroalimentam-se na conformação da realidade social (MILLER & SLATER, 2004). Dessa maneira, entendemos que a Internet vem se tornando paulatinamente um elemento

central para a compreensão das dinâmicas da vida social, operando em escala global de modo incorporado às nossas relações, parte de uma experiência corporificada de identificação e presente no cotidiano das pessoas em diferentes plataformas (HINE, 2011). Neste projeto, tomamos em consideração essas dimensões de forma a compreender as ações dos atores identificados no tocante a produção de significados envolvendo a Internet e outras estruturas (incorporada), a construção de um *self* na relação *off-line* e o*n-line* (corporificada) e no seu uso diário facilitado pelo avanço de tecnologias como *smartphones* e demais dispositivos móveis (cotidiana).

Do ponto de vista metodológico, inspirado na metodologia desenvolvida por Felipe Paes Piva (2020), optou-se pela construção de um quadro sinóptico a partir de um banco de dados que possibilitasse a análise qualitativa dos discursos que caracterizam o ativismo homossexual conservador. O conteúdo coletado foi sistematizado em planilhas com as seguintes divisões: link da publicação, data, conteúdo resumido e hashtags utilizadas. Observada ao longo da pesquisa a predileção dos atores identificados no pré-campo pela plataforma do *Instagram*, a qual possui a possibilidade de compartilhamento de conteúdos audiovisuais diversos, optou-se pela restrição da coleta de dados a esta rede social em específico. Para tanto, e entendendo que o funcionamento do *Instagram* se dá por um algoritmo que direciona publicações e perfis relativos às interações do usuário, foi criado um perfil específico para a coleta de dados e utilizou-se também o recurso de pesquisa de publicações da própria plataforma por meio de hashtags como #gayscombolsonaro; #gayconservador; #gayconservative; #conservadorismo; #gaydedireita; #gaysdedireita; #gunsrightsaregaysrights; #lgbtconservatives; #gaydireito.

Assim, tomamos de referência inicial o perfil do grupo *Gays Bolsonaristas*, identificado como pioneiro no nascente ativismo homossexual conservador durante o pré-campo, e o recorte temporal de 13 de fevereiro de 2019 a 15 de junho de 2019 que se refere ao período em que se julgou e aprovou a criminalização da LGBTfobia pelo Supremo Tribunal Federal (STF), enquadrando a prática na lei 7.716/89 que punia crimes raciais para início do mapeamento. Essa escolha se baseou no fato deste período ser privilegiado para a observação das disputas de sentidos às categorias que este projeto propõe-se a identificar e analisar. A partir desse movimento inicial, foi possível construir uma rede com outros perfis e perceber conexões entre eles. Foram identificados 12 perfis ativos de grupos de ativismo homossexual conservador e a coleta de dados deste conjunto de perfis restringiu-se ao período estipulado no projeto para a construção do banco de dados: de dezembro de 2021 à maio de 2022.

Importante destacar que este projeto se propôs a seguir os princípios éticos para pesquisa da e na Internet instituídos nos relatórios de 2012 e 2019 da *Association of Internet Researchers* (AoIR) no tocante à coleta, análise e divulgação dos dados utilizados. Portanto, todos os nomes reais dos perfis mapeados estão anonimizados e optou-se por não incluir perfis de figuras públicas e políticos que todavia surgiram ao longo do campo como forma de preservação dos informantes e do pesquisador.

Resultados e Conclusões:

Dentro da metodologia de produção de dados para o mapeamento foi possível reunir ao todo 65 publicações que serviram à realização da análise qualitativa para identificação dos discursos do ativismo homossexual conservador nas redes sociais e de como se relacionam seus autores nas redes com o conjunto da coalizão neoconservadora organizada em torno de Jair Messias Bolsonaro. No entanto, se faz necessário frisar que este projeto não buscou explicar o porquê de pessoas LGBTs se identificarem com o espectro político-ideológico-moral conservador, mas antes oferecer um esforço inicial para a compreensão de como estes grupos

manejam a suposta contradição entre suas identidades sexuais e de gênero e a defesa de uma visão de mundo que as invalida e, em certos casos, combate.

1. Contradições e perversões do movimento LGBT

Do período de pré-campo ao desenvolvimento deste projeto foi perceptível a centralidade que o ativismo homossexual conservador dá ao combate ao movimento LGBT. Retratados como falsos pregadores da igualdade, é atribuído ao movimento LGBT o status de um braço da "esquerda" para a destruição da Família tradicional por meio da ideologia de gênero, a qual teria por objetivo principal incutir em crianças a ideias quanto a transição de gênero, homossexualidade e até mesmo a pedofilia.

No recorte temporal analisado que compreende o julgamento e aprovação da criminalização da LGBTfobia pelo STF, o perfil *Gays Bolsonaristas* dispõe de uma série de agitações políticas que questionam a legitimidade do movimento LGBT enquanto representante da população de lésbicas, gays, bissexuais e pessoas trans. Dentre elas, o questionamento de qual seria a verdadeira intenção em criminalizar atos LGBTfóbicos dado que agressão, difamação e homicídio já eram práticas passíveis de pena no Código Penal. Assim, defendiam que o movimento LGBT buscou blindar-se de críticas e censurar a prática legítima de profissão da fé cristã que vê nas identidades LGBT um desvio, um pecado.

Um momento característico é a movimentação em torno do assassinato de Rhuan Maycon da Silva Castro de nove anos, esfaqueado e decapitado pela mãe e sua companheira em 31 de maio de 2019. O menino que havia sido submetido ainda em vida à diversas torturas físicas, como uma castração amadora feita pela sua responsável, foi martirizado pelos grupos que se organizam em torno da figura de Jair Messias Bolsonaro. De 07 de junho de 2019 à 14 de junho de 2019, o perfil *Gays Bolsonaristas* utilizou da morte de Rhuan como argumento para demonstrar o erro em criminalizar a LGBTfobia, uma vez que afirmam que o movimento LGBT e a grande mídia que dele seria afiliada não dariam visibilidade ao caso pois 1) o assassinado foi realizado pela mãe do menino e sua companheira e 2) a castração e morte do menino seriam a concretização do programa da ideologia de gênero.

Em outros momentos mais dispersos encontramos publicações que advogam que a suposta hipocrisia do movimento LGBT reside no fato de existir preconceitos elitistas, raciais e estéticos dentro da própria comunidade. Em vídeo publicado no dia 12 de junho de 2019, uma personalidade que se reivindica gay e apoiador de Jair Messias Bolsonaro explica que não acredita no movimento LGBT pois por sua experiência a mesma comunidade que pauta o discurso da igualde já o segregou por ter sido trabalhador sexual e afeminado.

2. *Mentiras gays* e a purificação

Durante o campo nos deparamos com uma publicação de indicação de leitura do artigo "Mentiras Gays" de Olavo de Carvalho (2018), ideólogo do neoconservadorismo brasileiro e principal referência intelectual de Jair Messias Bolsonaro. Sua tese busca responder à duas supostas falácias: de que gays são marginalizados e perseguidos e que são intelectualmente superiores. Sem recorrer a qualquer citação de fontes, afirma que historicamente homossexuais teriam sido igualmente opressores e oprimidos tomando por exemplo Calígula e Mao Tsé-tung, líderes autoritários que teriam utilizado de seu poder para aliciar e violentar outros homens em nome de seus desejos, além de outros casos como tráfico sexual de meninos indianos para bordeis europeus e a presença homens gays na milícia paramilitar nazista. Em relação a questão da superioridade intelectual, para Carvalho (2018) esta falácia não se sustentaria pois não há um único santo ou homem de elevada espiritualidade gay e reconhecidos nomes da literatura como Lorde Byron e André Gide foram sumariamente submetidos a alcunha de "gay" pois não

haveria prova decisiva para a heterossexualidade enquanto qualquer nível de desvio desta, o que ambos possuem, afirmaria a homossexualidade inconteste.

Dessa maneira, sua argumentação deságua numa teoria da sexualidade e gênero em que Olavo de Carvalho (2018) vai defender que enquanto a homossexualidade está no âmbito do desejo, portanto uma opção sexual, a heterossexualidade é condição primordial de existência da espécie humana, logo possui um apelo coletivo e não poderia ser equiparada a um desejo individual. Portanto, os apelos do movimento homossexual, defende o autor, de nada passam de aspirações individuais que vão na contramão do interesse superior da espécie humana e de morais religiosas, que ao seu ver, sobressaem também por terem sido base de civilizações inteiras. Ademais, afirma que enquanto conduta sexual individual, o homossexualismo e a transexualidade seriam ambos a recusa de um acordo comum com o diferente para a procriação (CARVALHO, 2018) e se expressariam de maneira gradual.

Olavo de Carvalho (2018) finaliza sua tese com algumas máximas em relação a homossexualidade e transexualidade, dentre elas que todo indivíduo adulto tem o direito a seguir essas condutas desde que reconheça que o direito a aversão a sua conduta é igualmente válido para os demais e que este não tem qualquer legitimidade para reivindicar garantias legais quanto a sua conduta sexual e, tampouco, deve influenciar crianças ao homossexualismo. O que se sobrepõe é a primazia do determinismo biológico e moralidade cristã baseada no recato.

Nesse viés, seguindo a linha de investigação utilizada por Leticia Cesariano (2020) que tomou as formulações de Mary Douglas (1991) acerca das divisões sistêmicas entre o puro e o impuro para analisar o conteúdo de publicações audiovisuais da campanha de Jair Messias Bolsonaro de 2018 e constatar essa divisão antagonística entre seus apoiadores e adversários busquei neste projeto pensar a luz dessa obra como a suposta contradição entre identidades sexuais e de gênero dissidentes e o conservadorismo são manejadas.

Dado que todo sistema cultural deve lidar com desvios incorporando-os ou os destruindo (DOUGLAS, 1991) acreditamos que o texto de Olavo de Carvalho (2018) sintetiza bem qual é o ritual de purificação, para tomar aqui os termos de Mary Douglas (1991), em que se permite integrar a homossexualidade e a transexualidade a uma visão de mundo conservadora. A postura de negar a historicidade das identidades sexuais e de gênero, e portanto, as estruturas que as moldaram pela marginalização e perseguição, ao passo em que também se defende uma privatização da sexualidade enquanto questão meramente individual frente a preservação de formas sociais tradicionais como a Família e o casamento heterossexuais são os meios pelos quais não apenas o ativismo homossexual conservador diferencia-se do movimento LGBT, mas acima de tudo calca um espaço de pertencimento na coalizão conservadora que se organizou em torno de Jair Messias Bolsonaro.

3. Linhas de transmissão e sustentação do governo Bolsonaro

Um fato que chamou-nos a atenção é o papel que os perfis mapeados cumprem no quadro geral de circulação de discursos dos apoiadores de Jair Messias Bolsonaro e seu governo. Dos 12 perfis mapeados apenas 2 possuíam postagens relativas às categorias que buscamos analisar neste projeto sendo assim a maior parte de suas postagens materiais audiovisuais de apoio a medidas da gestão de Bolsonaro como sua postura frente a pandemia, seus discursos anticorrupção vinculados a seus adversários políticos e sustentação da narrativa governista em relação a polêmicas diversas. Além disso, em mais de um perfil encontramos publicações específicas que buscaram invalidar a narrativa de que Jair Messias Bolsonaro seria homofóbico por meio de vídeos em que o atual presidente tece elogios ao ex-deputado estadual assumidamente gay Clodovil Hernandes durante a legislatura de 2006 – 2009 em que ambos foram eleitos.

Dessa maneira, mostraram-se produtivas as hipóteses de Cesarino (2020) e Kalil (2018) em que argumentam, respectivamente, que as redes sociais cumpririam um papel central na manutenção dos grupos de apoio ao governo Bolsonaro após às eleições e que o segmento "homossexual conservador" seria uma importante linha de apoio por rebater acusações de preconceito a população LGBT que Bolsonaro e seu governo poderiam motivar. Ademais, os casos da movimentação em torno da criminalização da LGBTfobia pelo STF e a constante postura da maioria dos perfis em reproduzir conteúdo em relação ao governo Bolsonaro são exemplos de como as dimensões on-line e off-line estão intrinsecamente conectadas na construção da realidade social (MILLER & SLATER, 2004). O uso dessas plataformas na construção de narrativas alternativas ao movimento LGBT e da mídia tradicional expressam também o uso incorporado, corporificado e cotidiano que adquiriu a Internet, inclusive quando se trata das disputas políticas contemporâneas (HINE, 2020).

Bibliografia:

CESARINO, Leticia. Como Vencer Uma Eleição Sem Sair De Casa: a Ascensão Do Populismo Digital No Brasil. In: Internet & Sociedade (2020): n.1 p. 91-120.

DOUGLAS, Mary. Pureza e perigo. Lisboa: Edições 70, 1991.

FRANZKE, Aline Shakti; BECHMANN, Anja; ZIMMER, Michael; ESS, Charles; ASSOCIATION OF INTERNET RESEACHERS. Internet Research: Ethical Guidelines 3.0. 2020. Disponível em: <https://aoir.org/reports/ethics3.pdf>. Acessado em 25 de julho de 2022.

HINE, C.; PARREIRAS, C.; LINS, B. A. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. Cadernos de Campo (São Paulo - 1991), [S. l.], v. 29, n. 2, p. e181370, 2021. DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe181370. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/181370. Acessado em 25 de julho de 2022.

KALIL, I. O que são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro. Relatório do Núcleo de Etnografa Urbana e Audiovisual (NEU) da FESPSP. Acessado em 10 de maio de 2021, disponível em https://www.fespsp.org.br/upload/ usersfles/2018/Relat%C3%B3rio%20para%20 Site%20FESPSP.pdf

LACERDA, Marina Basso. O novo conservadorismo brasileiro: de Reagan a Bolsonaro. Porto Alegre, RS: Zouk, 2019.

MARKHAM, Annette; BUCHANAN, Elizabeth. Ethical Decision-Making and Internet Research: Recommendations from the AoIR Ethics Working Committee (Version 2.0). 2012. Disponível em: < https://aoir.org/reports/ethics2.pdf> Acessado em 25 de julho de 2022.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 10, n. 21, p. 41-65, Jun 2004.

CARVALHO, Olavo de. O imbecil coletivo. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2018.